

Departures			Time
Flight	Destination		
NY 945	NEW YORK		10:20
LO 3681	LONDON		10:25
AM 8240	AMSTERDAM		10:25
PA 2787	PARIS		10:30
LA 026	LOS ANGELES		10:35
BR 2108	BERLIN		10:40
I 5278	MILANO		10:40

# A Viagem

NUNO LEVY

**ebook**

**LestoPay**  
PAGAMENTOS RÁPIDOS

## PARTIDA

Não me lembro da primeira vez que me veio à mente de relacionar cemitério com aeroporto. Aeroporto é um local de partidas, muitas vezes associadas a tristezas, saudades e incertezas sobre como será o “prá frente”.

É claro que no aeroporto também acontecem chegadas. Estas, muitas vezes, também com lágrimas (de alegria na maior parte), trazem esperanças e reforçam o “prá-frente”. É impressionante o fluxo de socialidade nas partidas, principalmente no “Aeroporto da Várzea”.

Para mim, inicialmente fazia-me um pouco de confusão, pois considerava importante o silêncio e o respeito, seja para com o morto seja para com os familiares. Mas a morte, traz sempre consigo um mix de emoções, com manifestações imprevisíveis e estranhas. Noutro dia, após um enterro ainda dentro do cemitério, uma recém-casada estava a ser apresentada aos amigos do noivo.

O que me toca também de forma particular é o aproximar de gerações. Há sempre alguém ou mais da tua geração que vês nos enterros, e parece que há um chamamento de aproximação. Não sei explicar muito bem o que é.

A regressar de algum enterro, com os meus colegas também, acontece com frequência alguma piada e um certo contentamento como se estivéssemos a pensar: “não foi desta a minha vez”. Parece um ritual de livramento após a angústia de ver a terra abafar o defunto.

O aspeto físico também é estranho. Já ouvi dizer ou vi fotos, em reportagens de jornais, de amigos ou pessoas que conheci que morreram, mas a perceção que fiquei delas é diferente da dos mortos que vi com os meus olhos.

É diferente, não sei se ficamos somente com as recordações da pessoa viva, enquanto, quando vemos diretamente alguém morto, então ficamos com uma perceção diferente.

# ÉPOCA ALTA

Diz-se que o final do ano e início de um novo, como que representando a mudança de um ciclo muitas vezes traz consigo também partidas. Quase todos os anos, no dia 31 de dezembro e no dia 1 de janeiro, morre alguém.

Também se diz, quando se vê a lua no céu com uma aréola circundante que é sinal de que alguém vai morrer em breve. Cada Povo ou cultura tem os seus pressentimentos e visões nesta matéria.

A prescindir da época certas ações são devidas e necessárias. Uma delas é a escolha e compra do caixão.

Conta-se que um empresário funerário da capital tenha sido contactado para fornecer um caixão e, como sempre ele aconselha à pequena e média burguesia caixões de alto standing – de 300 a 400 contos – e vendo que um dos familiares parecia reticente em acolher a sugestão, ele lhe terá dito: “Mas, o fulano que se sacrificou e vos deu a todos escola e instrução é assim é que lhe vão levar?”

Ao que parece, o business dos caixões, para além de rentável, tem também adotado o sistema de comissões para os angariadores. Famoso, um senhor da praça que está em todos os funerais da Praia e é muito visitador de doentes no Hospital Agostinho Neto. As visitas servem como uma pesquisa do mercado de potenciais clientes. Convém ressaltar que 10% do custo de um caixão não é propriamente uma ninharia.

Se um angariador “fecha” 10 contractos por mês, estamos a falar de mais de 150 contos mensais. É claro que é um trabalho precário, pois há meses em que se conseguem fechar menos business, mas quando chega a época alta ...

## A ESCALA

A senhora era esperada para chegar 2 semanas antes, mas teve algumas dificuldades com o visto e só veio a chegar 2 semanas mais tarde depois de fazer escala em Dakar. Ela cuidava das pequeninas de um diplomata, quando ele estava em missão na América Latina, e, com a sua transferência para Cabo Verde, ele queria que a família e a ama das crianças viessem também.

Preparou tudo, as mobílias já tinham chegado de barco, a esposa passou duas semanas aqui para ver a casa e ajudar a arrumar e preparar para a chegada das crianças com a ama. Na sua chegada à Praia, a pequena senhora Dolores (uma Indiana do Perú) faleceu repentinamente.

A família do diplomata ficou muito triste pois a senhora era praticamente a mãe das crianças e era da família havia pelo menos 10 anos. Depois vir morrer no primeiro dia que chegou em Cabo Verde, sem ao menos ter visto a terra.

O corpo foi transportado da casa mortuária para o caixão frigorífico e de seguida à Igreja de Nazareno, pois a senhora professava o protestantismo.

A câmara frigorífica era importante pois o corpo seria enviado para o Perú, país de origem para o enterro na sua terra. Depois disso levamos a senhora para o Hospital de Trindade, único lugar com uma câmara frigorífica, aonde ela iria ficar cerca de uma semana até sua partida.

Nunca mais ouvi falar da senhora, nem nunca a tinha visto em vida, mas ficou-me a sensação da sua pele húmida e fria ao carregar o seu corpinho para dentro do seu caixão.

## A SALA DE ESPERA

Estava a fazer a rotunda do Plateau, em direção de Achada Santo António, vindo da estrada do aeroporto quando, de repente, um desnível no ar aparece como se o mundo se tivesse sacudido por um instante.

O espírito deu o seu último suspiro. Será que fui um dos poucos a sentir? Será que todos sentiram e não se aperceberam no “bram bram” de segunda-feira de manhã? Logo a seguir uma série de telefonemas, a confirmar a notícia da morte, a consolar, a noticiar.

Chegado à casa do morto pelas 09h30, portas abertas, parece casa de ninguém, o facto aconteceu há poucos minutos. Embora tenha sido uma morte anunciada por doença prolongada, mas a hora da chegada apanha sempre alguém desprevenido. Há que lavar o morto, vesti-lo.

As pessoas começam a tornar-se numerosas dentro de casa. O telefone não para de tocar. São parentes e amigos a dar pêsames. Os familiares ainda um pouco desorientados, tentam encontrar uma razão, quem sabe no que estarão a pensar agora.

Passado uma hora, as coisas se acalmam. Os primeiros expedientes foram dados. Os amigos já chegaram, há uma pausa nas lágrimas e nos choros. De vez em quando o telefone toca, há choros ao telefone, contaminando os outros que estão à volta.

Recomeça a dor, o choro aumenta, chegam mais pessoas, cada uma traz uma recordação que quer partilhar com pessoa amiga, com um familiar. Traz a sua dor de amigo, parente ou colega.

O ciclo se repete, é o móvel a tocar, não se consegue ouvir muito bem. Do outro lado uma voz constrangida, que chamou, mas não sabe bem como levar “prá-frente” a conversa, a sua voz não é audível dentro de casa com as outras pessoas:

## A SALA DE ESPERA

- Quem, quem?
- Sou eu fulana de tal.
- Quem? Não consigo ouvir.
- Fulana de tal, tua prima, sou eu.
- Oh fulana, oh fulana ele deixou-nos (choros em ambos os lados da linha).

## CHECK IN

São seis da tarde, já se sabe a hora do enterro amanhã, aproxima-se o momento em que a maior multidão vai chegar (logo após o trabalho), aparecem os primeiros políticos a cumprimentar os familiares. É importante para os políticos mostrarem-se nos funerais, pois são momentos de socialidade intensa.

As pessoas comentam, depois, que o ministro tal esteve lá. O ministro precisa mostrar a importância do morto para o seu partido e sua nação. Como sempre não se furta à “ribalta”, entra em primeira fila, cumprimentando todos (inclusive eu que não tenho nada a ver), depois das formalizações, liberta-se, há muitos assuntos a tratar, a oportunidade é boa.

20 minutos depois da entrada do político, simpatizantes e colaboradores metem-no meio do círculo e ele dá graças às suas políticas.

Difícil de encontrar políticos que se deixam estar humildes e quietos diante da dor e sofrimento de familiares (o presidente parece-me um dos raros exemplos), sem estar a exercer o que um autor brasileiro definiu de ego trip.

Ego trip, é quando a pessoa tem o seu ego tão acima do mundo que, em qualquer contexto em que ele se encontra não tenta e não pode se esconder da sua vontade de aparecer. Nos funerais ele aparece como se quisesse ser ele o morto para receber toda aquela atenção.

Mas, como de socialidade se trata, após os cumprimentos há também uma movimentação na direção da porta, aonde, na varanda, ou na entrada, a conversa está mais leve.

Mete-se em dia as fofocas e os acontecimentos sociais. Fica-se a saber que fulana e fulano afinal, não são um mar de rosas. Os últimos escândalos vêm à tona: ele não lhe deixou, ela que lhe surpreendeu com fulana, mas todos sabem que ela também ...

## CHECK IN

Comenta-se o radar da semana, das deficiências da ELECTRA, de quanto tempo a gente não se via, se não fossem os mortos na Praia a gente já não se iria ver. Lembranças de convívios e de festas da juventude, histórias de emigração e ...

Os assuntos são muitos, e parece que todos estão com uma vontade imensa de falar. Alguém apresenta uma garrafinha de aguardente, após aquele café bom de bule que não bebia há que tempos. O grogue é social, e ajuda a superar a noite que se espera longa.

Com ciclos silenciosos, a noite vai se fazendo menos criança. “Djongas” à direita e à esquerda, os mais resistentes (a famosa força do grogue) de vez em quando alteram-se gargalhando, depois retomam sobriamente as suas conversas até a inevitável gata (de sono e de caco).

## NO COCKPIT

Amanhece, o sol apontou-se sorridente e radiante. Vai ser uma manhã quente. Há que levar o corpo à Igreja para a missa do corpo presente e depois para o cemitério. A noite foi dura e mal dormida, o stress e a cansaça até as tantas, o acordar-se e render-se conta que é verdade.

Os convivas noturnos também estão um pouco marlotados, com olhos vermelhos e luminosos e cheiro característico do resacaado, dentro do sol quente.

As diligências já foram tomadas, o carro fúnebre está a caminho para recolher o morto e levá-lo. Os familiares fazem-se de fortes para o momento em que o ente será levado pela última vez da sua casa. Na porta, alguma multidão que vai acompanhar o funeral. Chega o condutor do carro fúnebre, com um desinteresse e calma de quem já viu muitas.

O seu telemóvel toca, ele responde com um tom de quem está no Estádio da várzea, a ver um desafio de futebol.

Ignora completamente as dezenas de pessoas que estão no local, o contexto que levou todos no local. Trata dos seus assuntos num crioulo fundo e malcriado e despacha seu interlocutor.

Choro dentro de casa, chegou o momento de se fechar o caixão, os pequenos lamentos que se ouviam cá fora também assumem as tonalidades do choro. As pessoas se consolam, os homens organizam-se para carregar o caixão: eu tomo esta parte, tu fica aí!

O primeiro impacto do peso do caixão surpreendeu um carregador, o caixão parece ceder de uma parte, vai uma ajuda naquele lado. Pronto está estável, há que ter cuidado que o morto sai pelos pés, assim como entrou em vida.

## NO COCKPIT

Choros, choros, o caixão é pousado suavemente dentro do carro, os familiares depõem as coroas de flores, uma atrás de outra. Os amigos mais próximos também depõem as suas coroas. Alguém tem que acompanhar o morto no carro, os outros estão mesmo atrás. Acalmam-se as lágrimas por instantes, vai começar a caminhada.

Antes, todos acompanhavam o morto e a família para o cemitério a pé. Agora as coisas estão um pouco diferentes, mais à europeia, com muitos carros. Ouve-se dizer: “tinha carros de subida Praia até o cemitério”!

# TURBULÊNCIAS

Havia luar, um lindo luar, já não me lembro que mês era (presumo que tenha sido após a Páscoa), como sempre “os viciados” do liceu (Domingos Ramos, ex -Adriano Moreira) estavam a queimar os últimos cartuxos do jogo de basket, como se não tivesse bastado toda a tarde a jogar.

Naquele tempo o Liceu não tinha luz no campo, então era preciso ter mesmo muito hábito e conhecer bem as jogadas. Tchenta (de nome Vicente), era um craque. Pequeno, atlético, era bom no basquetebol, no futebol, no jogo da carambola, enfim, em tudo. Tchenta era um daqueles rapazes bons em todos os desportos.

Tinha um lançamento infalível. Quando se fazia noite então, partia com uns três pontos de metade do campo, com a bola a fazer uma trajetória de arco muito, mais muito grande (penso nunca ter visto outros a lançarem assim). Ele elevava-se mais de um metro do chão, fazia um sorriso com o dente quebrado que tinha na frente e atirava naquele arco para um cesto maravilhoso.

Tchenta tomou balanço e fez um salto mortal do Cruzeiro, zona que fica atrás da Rua dos Correios no Plateau. Antes não havia a avenida marginal que há hoje, o mar vinha bater na parede e viam-se pedregulhos afiados lá em baixo. Foi suicídio.

Toda a equipa do Tcha Boys, equipada com a nossa camisola laranja a transportá-lo numa onda de choro e choque até à sua última morada.

Cada qual tem as suas recordações com os mortos. Às vezes essas recordações são fortes e turbulentas, de tal forma que se mantêm connosco e parece que tudo aconteceu ontem.

## O CORREDOR

Para mim um dos fatores mais importantes das partidas é o contacto humano. Parece que estamos num défice de contacto humano em Cabo Verde. Aqueles breves momentos, um abraço apertado, o calor da pessoa naquele toque nos pêsames.

Existe até uma certa preocupação (ao menos naquilo que presenciei), das pessoas irem limpas e asseadas porque vai abraçar a viúva, a filha, a sobrinha, a amiga ... É claro que existe também um certo respeito para com o contexto e a gente quer-se apresentar bem, tendo algum cuidado num certo código de indumentária, que se não adotados podem ser mal-interpretados e socialmente castigados com “boca fedida”.

Apertos de mãos, palmadas nas costas, abraços e lágrimas conjuntas, dão sensações e emoções de conforto, aliviam um certo peso que estamos a transportar nesta vida frenética de hoje.

Para os familiares, esses contactos serão dolorosos, também, pois muitas vezes à frente encontram-se com verdadeiros desconhecidos que devem cumprimentar e, na sua dor conseguem também discernir quando o contacto é sentido e genuíno, com os que podem ser mais superficiais e de circunstância.

Os apertos de mãos e abraços são, na verdade, o momento social e humano mais profundo, pois quando as peles se tocam e se apertam fecham um círculo na comunicação, englobando os gestos, as palavras e a pele humana.

Embora neste aspeto não tenha experiências pessoais a partilhar, vejo o cabo-verdiano como um povo muito solidário nessas horas. Há muita preocupação em mostrar apoio aos familiares e pessoas chegadas do defunto.

Pode-se perceber também uma certa pressão nesta manifestação de solidariedade, em que muitas vezes os que ficam não podem chorar e refletir nesses momentos, pois são assaltados pelas manifestações de solidariedade.

## APERTAR CINTOS

Quando conheci o Sr. Rossi, pareceu-me uma pessoa muito forte e simpática. Tinha um atelier de artesanato aonde trabalhava estátuas e objetos em gesso e também pintava e trabalhava o vidro.

Sua esposa, uma querida amiga que me acolheu quando devia fazer os testes para entrar na Universidade, Cabo-verdiana de grande beleza sofria com a doença do marido.

Passado alguns meses o marido foi internado já em estado crítico, mas nem por isso perdeu a sua compostura e simpatia. Recordo-me muito bem, era uma tarde de inverno e chovia um pouco, aquela chuvinha fria miúda e irritante que a gente encontra nos invernos europeus.

As laranjeiras nas ruas estavam com laranjas podres que não foram recolhidas. Lembro-me de pensar, imagina estes aqui com laranjas a apodrecer nas suas árvores e não retiram. Dirigi-me ao hospital da localidade aonde encontrei o sr. Rossi com um certo cansaço físico evidente, mas sorridente recebeu-me (sem dizer muito) e depois de alguns minutos de visita disse-lhe “ciao”.

Morreu dois dias depois! A esposa que era uma “casalinga (doméstica)” como muitas na Itália dessa idade teve que adaptar-se e começar a trabalhar. O filho maior teve que interromper momentaneamente a Universidade e trabalhar para ajudar em casa. Com a partida do Sr. Rossi, viram-se obrigados a apertar os cintos.

# PORTA DE EMBARQUE

Diálogos Soltos à porta do cemitério

- Estava numa reunião e não consegui ir à Igreja, por isso vim diretamente ao cemitério. Tive que vir pela outra estrada senão apanhava o enterro e não chegava a tempo;
- Hoje em dia não dá para acompanhar o enterro, com este sol e as estradas cheias de carro. Temos de arranjar outras formas, paralisa todo o trânsito ...
- Mas, trocando de assunto viste a força do Porto? Deu-vos poucas, mas boas;
- O que estás a dizer! Aquele penalty não existiu, mais uma vez roubaram, como naquele jogo com o Braga;
- Ah vocês benfiquistas sempre com esta desculpa dos árbitros, não sabem perder em silêncio e deixar de deitar a culpa nos outros?
- O que estás aí a dizer? Quantos campeonatos vocês têm?
- (Risos), queres que te lembrem também o que aconteceu no estádio do Dragão? ...  
.....
- Olha ele já veio,
- Aonde, aonde? Quem é aquela que desceu do carro com ele?
- Ali está o Carlos Veiga também.
- Dizem que o MPD vai querer um novo presidente.
- Sim, e o que estão a preparar os “camaradas” para o ZEMA?

# PORTA DE EMBARQUE

– Ainda nessa do Mesti Muda? ...

.....

– Então depois levei-a para o cockpit, tomamos mais dois whiskies e ...

– E? E? Conseguiste? Como é que foi?

– Estava carregado da “amarelinha”, tomei bem duas pílulas.

– É o novo comprimido que o fulano está a vender?

– Sim é aquele mesmo, muito melhor que o viagra.

– Toma cuidado com essas coisas, ouviste do fulano que teve um AVC?

– “Oh rapaz dipós di sabi, morte é ka nada” ....

# A ATERRAGEM

Paz à sua alma!

REQUIESCAT IN PACE!

Gostou do ebook?

Tem alguma pergunta  
que gostaria de fazer-  
nos?



+238 262 52 52

nuno@lestopay.net

A digital departures board with a yellow header and black body. The header contains a plane icon and the word "Departures". The board lists flight information for various destinations.

Flight	Destination	Time
NY 945	NEW YORK	10:20
LO 3681	LONDON	10:25
AM 8240	AMSTERDAM	10:25
PA 2787	PARIS	10:30
LA 026	LOS ANGELES	10:35
BR 2108	BERLIN	10:40
I 5278	MILANO	10:40

# A Viagem

NUNO LEVY

**ebook**

 **LestoPay**  
PAGAMENTOS RÁPIDOS